

ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA

Perspetivas pedagógicas para a ação.



José Matias Alves & Ilídia Cabral (org.)

Porto

março de 2021

Serviço de Apoio à Melhoria da Educação

Faculdade de Educação e Psicologia

Ficha técnica

Título: Ensino remoto de emergência - Perspetivas pedagógicas para a ação.

Organização: José Matias Alves & Ilídia Cabral

Autores: Adília Cruz, Alexandra Carneiro, Ana Gomes, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, António Andrade, Carla Lopes, Carlos Café, Cornélia Castro, Fátima Almeida, Filipa Araújo, Generosa Pinheiro, Hélder Martins, Ilídia Cabral, Isabel Lage, José Afonso Baptista, José António Fundo, José Matias Alves, Lídia Serra, Lídia Sousa, Luís Gonçalves, Margarida Araújo, Pedro Jesus, Sofia de Sousa Vieira, Sónia Soares Lopes, Teresa Barbosa

Paginação: Francisco Martins

Local de edição: Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 | Porto | Portugal

Data de edição: março de 2021

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

ISBN: 978-989-53098-0-1

Nota de edição: os textos aqui reunidos foram publicados originalmente na página do Facebook do Católica Porto Educação, durante o mês de fevereiro de 2021.

Índice

| | |
|---|----|
| Ensino remoto de emergência – Para uma pedagogia da metamorfose..... | 4 |
| 10 Proposições para o Regresso ao on line | 10 |
| 8 verbos para a ação..... | 13 |
| Do Ensino a distância ao baby-sitting on line | 15 |
| O (in)sustentável peso da distância..... | 17 |
| O lado Bom | 19 |
| A@d | 21 |
| A avaliação “antisstressante” no e@distância | 23 |
| 10 proposições para organizar as aprendizagens online | 25 |
| Dez verbos para aprender quando se ensina à distância..... | 32 |
| 7 tweets para uma jovem colega | 34 |
| 10 proposições para uma aprendizagem online | 38 |
| Ensino@distância. 10 proposições para a aprendizagem..... | 42 |
| 10 proposições para organizar as aprendizagens online | 46 |
| Dez proposições para o E@D | 50 |
| Ensaio sobre o ensino e as aprendizagens a distância. 10 proposições para organizar as aprendizagens on-line. | 53 |
| Intervalo no ruído | 57 |
| Dogmas e rituais da escola. O controlo remoto do sistema educativo* | 60 |
| O Conselho de Turma Online..... | 62 |
| Transições sob a indeterminação dos tempos: do papel do professor, para a pele de um singelo humano e de volta para a pele do professor... .. | 70 |
| “Da minha janela à tua” * – 3 referências e 10 Proposições para o ensino online | 75 |
| 10 proposições para uma aprendizagem real e consentida..... | 78 |
| Premissas básicas para atuação do professor - E@D -..... | 82 |
| 10 proposições para organizar as aprendizagens online. O ouvido pensante..... | 86 |
| Crónica (quase) familiar..... | 89 |
| 10 proposições para organizar as aprendizagens on line | 92 |
| E@D com recurso ao on-line. Desafios numa Escola que se quer para todos..... | 95 |

Ensino remoto de emergência – Para uma pedagogia da metamorfose



José Matias Alves & Ilídia Cabral

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.

Roland Barthes. Lição

Este livro tem uma história. Quando em janeiro de 2021 o governo anunciou o regresso ao *ensino remoto de emergência* [também designado de *ensino on line*, *ensino a distância*, *aprendizagens mediadas por tecnologias digitais*] logo surgiu a ideia de desafiar professores a escreverem o que poderia ser a gramática deste regresso. E, inspirados num célebre texto de Pierre Bourdieu [Proposições para o ensino do futuro] publicado no longínquo ano de 1986, desafiamos um conjunto de professores a escrever sobre este regresso, enunciando os cuidados, as pedagogias, as dinâmicas, as condições que seria sensato adotar para minimizar os riscos das desigualdades, do abandono e do desligamento. O tópico indicado foi: *no regresso ao online _ 10 proposições para as aprendizagens*.

E assim foi sendo escrito este livro com publicações realizadas no Facebook da *Católica Porto Educação* (<https://pt-pt.facebook.com/CatolicaPortoEducacao>), iniciadas formalmente no dia 6 de fevereiro de 21, com um texto da Ana Paula Silva. A este seguiram-se mais de 22 textos ao longo de todo o mês de fevereiro, publicando-se, em regra, um texto por dia. E quem são estes autores? Professores que não desistem de pensar e de praticar uma educação comprometida, uma educação que só existe quando inclui e promove o desenvolvimento humano dos nossos alunos. Professores que são

autores, isto é, criadores de esperança num futuro que vai ser melhor porque existem pessoas assim.

E o que nos dizem estes textos? Múltiplas e variadas mensagens de quem está comprometido com a profissão de fazer crescer, de fazer aprender. E que sabem, como recordava António Nóvoa, que a profissão de professor é das poucas que requer uma *certa colaboração dos alunos*, pois não se pode ensinar a quem não quer aprender. E não esquecem o conselho de Alexandre O'Neill: *Se estás a pensar ensinar / vais ter muito que aprender*.

E que aprendizagens são necessárias neste ensino remoto de emergência, nesta distância, nesta escola deserta, neste confinamento doméstico? Como tese geral, precisamos de passar de uma pedagogia da exposição magistral, da repetição, do consumo, da fala para uma plateia mais ou menos amorfa e ausente, para uma pedagogia da implicação, da participação, da autonomia, da colaboração, da produção, da criação. Desdobremos o sentido desta gramática. Neste tempo estranho e triste que a fortuna está a prolongar excessivamente precisamos, pois, de ativar esta radical metamorfose pedagógica, socorrendo-nos dos recursos tecnológicos disponíveis.

Eis a(s) pedagogia(s) com o poder de ativar essa metamorfose:

1) Uma pedagogia da escuta. E o que é que precisamos de escutar? Em primeiro lugar, os silêncios de quem não fala, de quem não responde às chamadas, de quem não pergunta, de quem, aparentemente, está fora *da circulação pedagógica*. Porque, mesmo tendo PC e internet (que não está sempre a cair), há alunos com as câmaras desligadas (e não só as do computador). Há alunos perdidos nos labirintos familiares, há pessoas numa solidão e numa tristeza existencial. Quando os alunos estão dispersos (e por vezes perdidos) em casa.

2) Uma pedagogia da implicação, da participação, da autonomia e da criação de comunidade. Estando os alunos longe, distantes e isolados uns dos outros, torna-se imperativo pensar e desenhar estratégias de ensino que os impliquem em desafios, em problemas vivenciados no dia-a-dia, em questões-problema. Este apelo à participação e à procura de respostas para os problemas concretos, pessoais e sociais que vivenciam é uma forma possível de ativar a presença, a pesquisa e atribuir um renovado sentido para o processo de escolarização.

3) Uma pedagogia da colaboração [docente e discente] e da relação. O isolamento doméstico é um tempo excepcional para ativar o desejo e o sentido da colaboração. A planificação docente também ganharia com uma planificação quinzenal (por exemplo) de atividades de natureza interdisciplinar e as equipas educativas poderiam enfim ter tempo para se encontrarem não apenas para planear, mas para executar e avaliar atividades que beneficiassem de contributos multidisciplinares. Em relação aos alunos, é pertinente a sugestão do Carlos Café *“diz-lhes que criem pares pedagógicos para estudarem online em rede. Como as alcateias: os lobos não deixam ninguém para trás.”*

4) Uma pedagogia da sementeira e das possibilidades. Como afirma o Pedro Jesus *“há tempo para semear e há tempo para ceifar, mas o trabalho docente é e deverá continuar a ser primordialmente, também em contexto online, o trabalho do sementeiro, que conhece o terreno, prepara-o, semeia e cuida. Sabe que o terreno tem bons frutos para dar, mesmo que o próprio terreno ainda não o saiba. É um artífice, desvendador de possibilidades.”* Neste tempo, esta mensagem ganha uma grande centralidade no terreno da avaliação. Deixemos os testes escritos em paz. Não repliquemos os modelos avaliativos do ensino presencial. Avaliemos para que as aprendizagens possam emergir, desenvolver-se e consolidar-se. Desafiemos os alunos a produzir registos de observações vários, a fazer *podcasts*, a fazer guiões de entrevistas, registos áudio de entrevistas aos membros da família, a construírem portefólios do que vão fazendo, a apresentarem aos colegas os resultados do seu trabalho.

5) Uma pedagogia que aposta mais na aprendizagem do que na classificação. Como sustenta ainda Carlos Café: *“queres diversificar e queres que os instrumentos que substituem os testes sumativos que não vais poder fazer sejam credíveis? Estás preocupada porque tens cento e tal alunos (como no meu caso)? Olha, eu estou a pensar fazer perguntas sobre diferentes competências em algumas das aulas síncronas e eles têm 2 minutos para me responder via WhatsApp com mensagem de voz. Eu depois ouço uma a uma e atribuo uma classificação. Tudo deve ser avaliado, mas nem tudo tem de ser avaliado através da escrita, certo?”* Esta é uma possibilidade que se inscreve na *cultura dos alunos* e por isso tem acrescidas garantias de sucesso. Como todas as aproximações pedagógicas que têm na escuta dos alunos a pedra angular da ação. Se quisermos ser mais radicais: esqueçamos as notas e as classificações porque isso *não interessa [quase] nada*, como se escreveu há quase um ano

<https://www.publico.pt/2020/05/06/impar/noticia/carta-aberta-educadores-professores-1915217>.

6) Uma pedagogia da comunicação, da interação e da produção. Educar é comunicar, criar sentido para podermos ler o mundo. Educar é comunicar para construirmos os laços (pessoais e sociais) imprescindíveis à vida. Educar é criar uma comunidade de valores, sentido de pertença, liberdade e responsabilidade. Educar é descobrir talentos através dos desafios de ação e da interação. Educar é descobrir as respostas possíveis para os problemas que nos afligem. Precisamos, neste tempo, de cumprir os quatro pilares da educação de futuro, há tantos anos enunciados pela UNESCO: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver* [tão central, hoje] e *aprender a crescer juntos*.

7) Uma pedagogia da integração (de conteúdos, de recursos, de estratégias) e do diálogo interdisciplinar. Desde sempre, este foi o desafio colocado a uma escolarização fabril, segmentada, desconetada, balcanizada. Paradoxalmente, o *ensino remoto de emergência* poderia ser um tempo de articulação e integração. Poderia, enfim, ser possível concretizar um projeto que nos empolgou e galvanizou dezenas de professores no agrupamento de escolas de Óbidos. Fazer da escola um projeto que se aproximasse dos alunos e fizesse do currículo uma resposta específica a grupos de alunos, como se poderá aqui ver http://escolasdobidos.com/download/documentos/artigo_MIPSE.pdf .

8) Uma pedagogia do *saber e do sabor*. Como luminosamente escreveu Eduardo Prado Coelho: *Sabemos que, em latim, havia duas formas concorrentes: o sapere e o scire. De scire veio toda a nossa ciência. Mas scire corresponde à ideia de um conhecimento que apreende o objeto na medida em que o separa, o recorta, o divide, em relação às restantes coisas. É um gesto de discernir ou de distinguir. O sapere aproxima-se das coisas a partir do que elas têm de único: o sabor, o gosto. Sucede que sapere se foi sobrepondo a scire e deu o saber de que hoje dispomos, mas um saber que recolheu as características mais puritanas da tradição científica: e fica um saber que não sabe a nada. Este é o tempo mais que perfeito para ousarmos esta decisiva aliança. Ligar, interligar, construir sentido para o saber prescrito pelos áridos (e enciclopédicos e inúteis) programas escolares [ok, isto é uma hipérbole]*.

9) Uma pedagogia do obstáculo. Ao contrário do que afirma o senso comum, os alunos dão-se bem com o trabalho de enfrentar e vencer os obstáculos que lhe fazem

sentido. Veja-se o caso dos jogos: a atenção, a persistência, o foco no problema, o ensaio e o erro. Precisamos de cultivar e desenvolver uma pedagogia do obstáculo que esteja ao alcance cognitivo dos nossos alunos, na *zona do seu desenvolvimento proximal*. Se o conseguirmos fazer teremos mais condições de êxito na ativação da vontade, que às vezes parece perdida. E por que motivo muitos adolescentes parecem ter perdido a vontade de aprender? Esta é uma questão essencial e a pedagogia tem de procurar a resposta. Porque o ser humano é ser aprendiz, por natureza. E quando esta condição não se revela temos de ir à procura das razões e dos sentimentos. E nesta publicação encontramos diversas pistas de resposta.

10) Uma pedagogia da desaprendizagem. Trazemos a *alma vestida* de rotinas, de preconceitos, de mitos e ilusões. Precisamos de *raspar a tinta com que nos embotaram os sentidos* (Alberto Caeiro) para ver a realidade das pessoas que vivem hoje no estrangeiro de si próprios. Para ouvir e escutar os pedidos silenciosos de muitos alunos que usualmente ficavam abandonados de si mesmos no fundo da sala (e que agora correm o risco de ficarem definitivamente para trás). Para sentir os apelos inauditos e compreender os motivos das recusas e do não querer. Esta aprendizagem pressupõe, como dissemos, uma *disponibilidade* para desaprender. Nas palavras de Olivier Reboul (1983):

O que é aprender, em todos os domínios, senão “desaprender” alguma coisa, deixar um hábito ou uma certeza no mais íntimo de nós próprios? Aprender é, antes de mais nada, romper com hábitos que se tornaram uma segunda natureza, é “desaprender” a respirar quando se trata de desporto ou de música, é “desaprender” os sons e a sintaxe da sua própria língua quando se pretende aprender outra. E o que é compreender, senão abandonar as pseudocertezas, afastar os “obstáculos epistemológicos” devidos à tradição e à experiência ingénua, recusar as verdades primeiras que nunca mais são, segundo Bachelard, que “erros primeiros”? Finalmente, o que é aprender a mudar, a renunciar corajosamente ao conforto e ao conformismo em que uma pessoa estava instalada como em sua casa, para vir a ser, enfim, ela própria. Aprender realmente é sempre “desaprender”, para vencer o que nos paralisa, nos encerra, nos aliena.

Esta desaprendizagem é, de facto, uma condição essencial de mudança, seja agora, seja no futuro pós-pandémico. Mudar de visão (sobre a função primeira da

escola, sobre a função do professor, sobre o estatuto de aluno...), mudar de modos de trabalhar e interagir no espaço escolar são operações essenciais que têm de ser *garantidas* pela exigência profissional, pela pressão e pela persuasão.

Vivemos num tempo em que *temos de ensinar o que não sabemos*. De ensinar alunos que não sabemos bem onde estão e como estão. E por isso temos de procurar individualmente e colaborativamente as respostas para os problemas que enfrentamos. E por isso, também temos de desaprender. Os modelos pedagógicos que geram o tédio e a desvinculação. As práticas avaliativas que excluem e estão ao serviço da seleção. Precisamos de ativar uma relação de confiança nas possibilidades de realização dos nossos alunos, sabendo que as emoções positivas geram aprendizagens. Esta é mais uma publicação aberta que oferecemos aos nossos leitores, com o valioso contributo de tantos professores autores de futuro. E que não se conformam, nem se resignam perante um triste *statu quo*. E é também por isso que Philippe Meirieu escreveu um dia: *os professores não têm futuro. Eles são o futuro*.

Referências

Barthes, Roland (2007). *Lição*. Lisboa: Edições 70

Bourdieu, Pierre (1986). Propostas para o ensino do futuro. *Cadernos de Ciências Sociais*, 5

Cabral, I. & Alves, J. (2016) Um Modelo Integrado de Promoção do Sucesso Escolar (MIPSE) – a voz dos alunos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, nº 16, <https://revistas.ucp.pt/index.php/investigacaoeducacional/article/view/3422>

Reboul, Olivier (1983). *O que é aprender*. Coimbra: Almedina

UNESCO (1996). *Educação – um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA